

**O ENSINO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA ROMÊNIA:
DIFICULDADES, ESTRATÉGIAS E VARIEDADE**

Dr. CRISTINA PETRESCU
Universitatea „Babeş-Bolyai” Cluj-Napoca

***Abstract:** The present work aims to present some obstacles that both Romanian students and teachers are forced to face in the learning and in the teaching process of Brazilian Portuguese. Divided into two parts, the essay addresses, in the first half, without intending to exhaust this topic, the difficulties arising from the mother tongue of Romanian students when learning Brazilian Portuguese. The second part deals with another issue that is problematic, especially in the teaching of Brazilian Portuguese, and which refers to the possibility and the need to reconcile the cultured norm with colloquial language, thus satisfying both the requirements of communication and those of expression and cultural integration.*

***Keywords:** Portuguese, Brazilian, Romanian, teaching, learning*

O interesse notável dos romenos pela língua e cultura portuguesa e pela cultura brasileira fez com que, nos quase 50 anos da sua existência, o ensino desta língua fosse extremamente diverso. Desde 1973, ano em que foi iniciado oficialmente o estudo da língua de Camões no nosso país, a sua difusão tem sido realizada tanto a nível pré-universitário (nas escolas secundárias “Eugen Lovinescu” de Bucareste e “Mihai Eminescu” de Cluj-Napoca), como a nível superior (licenciatura e mestrado na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade de Bucareste –onde também funciona, desde 2001, o Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões e licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade Babeş-Bolyai, desde 2021¹), ou através de cursos facultativos ministrados pela Universidade “Babeş-Bolyai” de Cluj-Napoca², pela Universidade de Oeste de Timișoara ou pela Universidade “Alexandru Ioan Cuza” de Iași. Quanto ao português brasileiro, a sua disseminação fez-se principalmente através dos cursos ministrados pela Embaixada do Brasil em Bucareste e pelo Centro Cultural Brasileiro “Casa do Brasil” de Cluj-Napoca. É nesta derradeira instituição cultural que eu trabalhei como professora de português por aproximadamente cinco anos, tendo ensinado também durante um ano, em regime intensivo, o português europeu na escola secundária “Mihai Eminescu”.

Ao longo desta experiência pedagógica apercebi-me de que surge, no ensinodo português brasileiro, tanto dificuldades impostas pela relação que se estabelece entre as estruturas linguísticas do português e do romeno, como

¹ Infelizmente, em Constança, onde havia também uma cátedra de português, esta língua deixou de ser estudada a nível académico.

² Onde funciona também um Centro de Língua Portuguesa/Camões.

obstáculos originados pelo diálogo, extremamente tenso, entre a norma culta e a linguagem oral. Dedicaremos, portanto, a primeira parte deste trabalho, aos problemas que decorrem, no processo de ensino-aprendizagem, da relação com a língua materna, abordando a questão da norma linguística na segunda parte do estudo.

1. As dificuldades apresentadas pelos alunos romenos na aprendizagem do português brasileiro

Embora o romeno e o português tenham uma origem comum e mesmo que se aproximem, de ponto de vista linguístico, em vários aspetos, observa-se também uma série de elementos que apontam para uma estrutura nitidamente divergente das duas línguas. Alguns destes elementos requerem, na nossa opinião, uma atenção especial, dado que colocam tanto problemas de aprendizagem, como de ensino.

Uma primeira diferença refere-se aos aspetos fonéticos, que levantam, desde o início, várias dificuldades, tanto de compreensão, como de aquisição, aos falantes romenos. Dado que estes problemas de pronúncia são numerosos, mencionamos apenas, a título de exemplo, o facto de, em português, as cinco vogais orais (<a>, <e>, <i>, <o>, <u>) serem representadas por um total de nove fonemas (enquanto em romeno existem apenas sete vogais orais), o problema generalizado das quatro pronúncias possíveis da letra “x” ([ʃ], [z], [ks] e [s]), os ditongos nasais, ou a pronúncia do <r> inicial ou do grupo <rr> (que coloca problemas em todas as variedades do português). Laura Février já analisou pormenorizadamente estes aspetos no seu artigo intitulado “Algumas dificuldades dos estudantes romenos na aprendizagem da língua portuguesa”, onde exemplificou as “hesitações”³ dos alunos romenos “perante a pronúncia correta de certas palavras em português”⁴. Adicionaremos só algumas questões que se nos mostram imprescindíveis a esta análise.

Em primeiro lugar, dado que a maioria dos romenos é familiarizada, mesmo se apenas superficialmente, através das telenovelas sul-americanas, com a pronúncia do espanhol, a tendência geral dos estudantes é aquela de pronunciar o <j> como [x]/[h] em quase todas as palavras, e o <ch> como [tʃ] em vez de [ʃ]. Provém ainda do espanhol a tendência, muito comum, para pronunciar, em palavras como “ano” o, <n> como [ɲ]. Reparei também, ao longo dos anos, no uso excessivo do acento em verbos do Futuro do Pretérito, consequência indiscutível do facto de, em espanhol, o acento ser usado em todas as pessoas do verbo, ao passo que, em português, o acento se emprega só na primeira pessoa do plural. A aprendizagem da língua portuguesa pelos falantes de espanhol é dificultada ainda mais pela formação do Futuro Próximo, dado que em espanhol, entre o verbo “ir” e o infinitivo do verbo principal interpõe-se a preposição “a”, que em português não existe e que leva os alunos a construir esta perífrase de forma errada, produzindo frases como: “Vou a estudar”, “Vamos a comer”. Além disso, como Patrícia

³ Laura Février, “Câteva dificultăți ale studenților români în învățarea limbii portugheze”, in Yolanda Mirela Catelly (ed.), *Limbă, cultură și civilizație. Noicâispre succes*, vol. 1, București, Ed. Politehnica Press, 2009, pp. 275-281, p. 275.

⁴ *Ibid.*

Alexandra Ribeiro também observou na sua tese sobre o ensino-aprendizagem de português na Romênia, os alunos que têm conhecimentos prévios do espanhol tendem usar, especialmente quando estão muito cansados, o espanhol em detrimento do português, tanto a nível lexical, como fonético⁵. A experiência ensinou-nos que a melhor maneira de combater estes deslizos linguísticos é através do próprio espanhol, usando uma comparação que poderia esclarecer, desde o início, estas questões, que se podem entender e explicar aprendendo apenas alguns coceitos básicos da fonética ou da gramática do espanhol.

Outro obstáculo significativo que os alunos de português veem-se obrigados a defrontar é o uso dos advérbios de lugar “aqui”, “aí” e “ali” e dos pronomes demonstrativos que lhes correspondem, dado que em romeno só existem dois advérbios de lugar e duas séries de demonstrativos, uma correspondendo ao “aqui”(“aici”) e a outra ao “aí/ali” (“acolo”), o que resulta na ocorrência de hesitações quanto ao uso diferenciado das últimas duas. Para facilitar o entendimento destes conceitos que possam parecer, ao falante não-português, um tanto abstratos, utilizámos como estratégias tanto o acréscimo repetitivo de algumas palavras sugestivas ao advérbio ou ao pronome (“aqui, perto de mim”, “aí, perto de ti, com quem estou a falar”, “ali, longe de nós dois”) ou o uso de objetos do mundo real que poderiam ser colocados em diferentes lugares da sala, usando previamente um esquema visual capaz de explicar a existência dos três espaços, A, B e C (utilizámos, várias vezes, um desenho apresentado os interlocutores A e B em dois círculos que se interseccionam e uma outra pessoa, marcada pela letra C, localizada num segundo círculo, com o qual o primeiro não se encontra em relação de contiguidade).

Um outro problema que surge no contexto da aprendizagem do português pelos falantes romenos refere-se ao uso de vários tempos verbais que não apresentam correspondência na nossa língua. É o caso específico do Pretérito Perfeito Composto do Indicativo, do Infinitivo Pessoal ou de alguns tempos do modo Subjuntivo (Conjuntivo, no português europeu), que em romeno apresenta apenas dois tempos, presente e perfeito, e que vem quase sempre introduzido pela conjunção “să”⁶, o que faz com que seja facilmente reconhecido e utilizado, embora seja, de ponto de vista formal, extremamente complexo⁷. Em português, tanto a distinção entre o Indicativo e o Subjuntivo, que os alunos tentam resolver usando, na maioria das vezes, o Subjuntivo em abundância⁸, mesmo quando se

⁵ Patrícia Alexandra Ribeiro Ribeiro, *Ensino-aprendizagem de Português na Romênia – uma experiência no nível A1* (Dissertação de mestrado), Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2019, p.71.

⁶ “Quase sempre” porque, na terceira pessoa, quando expressa sentidos associados ao modo Imperativo ou que revelam “a atitude do falante”, é possível usar estes verbos sem a preposição “să”. Vejam-se, para mais detalhes, as páginas 291-292 de Ștefania Popescu, *Gramatică Practică a Limbii Române*, București, Editura Orizonturi, 1995.

⁷ Vejam-se as páginas 261-263 de Finuța Asan, Mioara Avram, Elena Carabulea et. al., *Gramatica Limbii Române*, Vol. I, București, Editura Academiei Republicii Socialiste România, 1966.

⁸ O que se deve, na nossa opinião, à associação com a conjunção romena “să” (que, além do Subjuntivo, só se usa com o futuro, mas sempre precedido por „o” ou pelo verbo auxiliar), que os

deve usar o Indicativo, como o problema da concordância verbal, que em romeno é mais permissiva, ou a utilização indiferenciada entre os tempos compostos, colocam grandes dificuldades aos falantes romenos. Estes problemas podem ser superados, ao nosso ver, só através de uma prática consistente que se faz por um claro e bem concebido esquema da concordância dos tempos, por um grande número de exercícios e também pelo contato com falantes nativos. O uso do Pretérito Perfeito Composto do Indicativo, traduzidogeralmente, para romeno, pelo Presente do Indicativo, pode ser facilmente esclarecidoseja associando-lhe os marcadores temporais específicos (ultimamente, nos últimos tempos etc.) e explicitando a prolongação da ação até o presente, seja, como no casoda perífrase “estar + Gerúndio”, apelando ao inglês, idioma que muitos romenos dominam e em que se encontram correspondentes para estas estruturas. Nas regiões em que o uso do Pretérito Mais-que-Perfeito não é muito comum, como acontece no norte da Romênia, torna-se necessário recorrer ao mesmo procedimento, o de ensinar o português com a ajuda do inglês. O Infinitivo Pessoal, também se torna às vezes ininteligível⁹ para o falante romeno, que o traduz através de outros tempos verbais (frases como “Depois de chegarem a casa, lavem bem as mãos”, que é traduzida conjugando o verbo no Presente do Indicativo, ou “Depois de terem chegado, lavaram as suas mãos com água e sabão”, onde usamos geralmente o Pretérito Perfeito Simples ao transpor a frase para o romeno, contêm formas verbais que não manifestam nenhuma herança formal em relação ao Infinitivo Impessoal). Porém, tendo em conta o facto de as formas do Infinitivo Pessoal aprenderem-se rapidamente e de ele poder ser usado como uma alternativa, incomparavelmente mais simples, do Subjuntivo, os alunos mostram uma relativa facilidade em usar esta forma nominal, especialmente quando entendem a sua associação com as expressões impessoais, as preposições e as locuções prepositivas. Uma outra dificuldade relativa aos verbos consta na diferença que se estabelece, em português, entre os verbos “ser” e “estar”, diferença que não se observa em romeno, onde se usa, para expressar os dois conceitos, o mesmo verbo: “a fi”. Desta vez, o domínio prévio da língua espanhola pode constituir uma importante vantagem, que ajuda a superar rapidamente a dificuldade do uso destes dois verbos (o “estar morto” continua a consituirporém um grande dilema, muitas vezes engraçado, outras vezes puramente filosófico ou religioso, para o falante romeno).

Outras dificuldades ocorrem no uso do artigo definido que se emprega, às vezes, de maneira diferente¹⁰, especialmente quando se trata de países, aos quais não se atribui género em romeno. O simples facto de eles não possuírem género em

alunos traduzem por “que” e que acabam por usar de maneira indiferenciada, relacionando a sua forma com os verbos do Subjuntivo e criando frases como: “Acho que esteja em casa” ou “Digo-lhe sempre que tenha razão”.

⁹ Dado que na nossa língua o Infinitivo Pessoal não existe, além de encontrar uma fonte de confusão no próprio uso deste tempo, o falante romeno enfrenta até mais dificuldades quando se trata de diferenciar o uso dos dois infinitivos, Pessoal e Impessoal, especialmente quando se trata de expressões impessoais ou sujeito expresso.

¹⁰ Além de, em romeno, o artigo definido ser enclítico.

romeno e de o género parecer às vezes, atribuído de modo aleatório (é o exemplo típico de “o Canadá”), já constitui uma dificuldade em si. As excepções (os nomes de países que não são precedidos de artigo, como Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Israel, entre outros, ou, pelo contrário, os nomes de cidades que levam artigo definido, como o Porto, o Rio de Janeiro, o Cairo, a Figueira da Foz) os países com os quais o uso do artigo é opcional, como a/- Espanha, França, Inglaterra, Itália) complexificam ainda mais o problema, já espinhoso, do artigo. É considerada igualmente esquisito, pelos alunos, o uso do artigo definido com nomes próprios de pessoas. O falante romeno sente, tal como Cunha e Cintra, que “sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o artigo”¹¹ e por isso não consegue entender, muitas vezes, as razões do seu uso, usado de forma errada com o vocativo ou antes de nomes de personalidades ou, dado que no português brasileiro o seu uso é opcional, não entendem porque às vezes se usa e outras vezes não. O uso do artigo é dificultado ainda mais pela sua contração com as preposições “a”, “de”, “em” e “por”. A mais problemática é, sem dúvida, a contração da preposição “a” com o artigo definido “a”, que resulta tanto em problemas de pronúncia, especialmente no português europeu, como em problemas gráficos, os alunos omitindo, na maioria das vezes, o acento grave e mostrando assim um grande desconforto ao ter de processar, mentalmente e graficamente, a crase (no caso do artigo definido masculino os alunos parecem mostrar sempre uma maior destreza linguística). Uma boa estratégia seria, na nossa opinião, evidenciar a agramaticalidade de uma construção romena semelhante – que, de ponto de vista formal, é visivelmente mais acentuada do que em português – em que falte a preposição “a”, realçando, assim, o facto de um simples acento gerar consequências linguísticas muito graves¹². Levanta também problemas o uso da mesma preposição contraída com artigo em casos como “estar sentado à mesa”, “estar à janela”, “bater à porta”, onde se observa uma forte tendência para o uso da preposição “em” (na mesa, na janela). Pode recorrer-se, neste caso, à mesma estratégia, que resulta, muitas vezes, em traduções hilárias (“estar na mesa” pode significar tanto estar em cima da mesa, como estar dentro da mesa).

Requer também uma especial atenção o facto de os falantes romenos empregarem de maneira indistinta o pronome pessoal *você* e o seu plural, esquecendo-se muitas vezes de acrescentar o “-s” no plural. Na língua romena, o plural é marcado por uma maior diferença gráfica em relação ao singular (*tu-voi*), o que faz com que o plural pareça, em português, indistinguível do singular. A agramaticalidade destas construções, ao serem traduzidas para romeno, ajuda porém o aluno a repensar o uso do “-s” plural, prestando mais atenção à sua estrutura formal. Um outro problema relacionado com o uso do pronome pessoal é a confusão, gerada, na maioria das vezes, por falta de atenção, que ocorre ao empregar os pronomes *ele/ela*. Mesmo em estados avançados de aprendizagem, os

¹¹ Celso Cunha & Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, p. 225.

¹² E até engraçadas às vezes, como no exemplo: “El ajunge magazin/ul”= “Elechega a/alcança a/transforma-se em loja”.

alunos continuam a usar o pronome masculino em vez do feminino, problema originado, provavelmente, pelo conhecimento prévio da língua francesa.

Estas são apenas algumas das dificuldades com as quais, tanto os alunos, como os professores romenos, se defrontam no processo de aprendizagem ou de ensino. A nossa experiência ensinou-nos porém que existem também problemas que se distanciam dos mecanismos internos da língua e que se relacionam mais com o conceito de norma e tudo o que dele decorre. Esta questão, que requer uma especial atenção da nossa parte, será tratada nas páginas que se seguem.

2. O português brasileiro entre variedade e unidade

As diferenças mais significativas que separam o ensino e a aprendizagem do português europeu e do português brasileiro residem, na sua maioria, no nível de formalidade que cada uma das duas variedades assume. O português europeu impressiona, desde o início, pela qualidade altamente formal das suas estruturas. Além, da pronúncia, em relação à qual os alunos sentem um maior desconforto do que no caso do português brasileiro, onde o maior número de vogais pronunciadas facilitam o entendimento das palavras, muitos dos problemas relacionados com a aprendizagem do português europeu, como o uso correto das formas de tratamento ou da mesóclise, resultam de um profundo respeito às convenções que caracterizam esta variedade da língua. Estão aqui envolvidos, portanto, conforme Veronica Manole refere no seu trabalho, “conhecimentos não apenas da estrutura gramatical, mas também de cultura e sociedade portuguesas”¹³, especialmente no que tem a ver as formas de tratamento e tudo o que decorre do seu uso. É exatamente esta vertente cultural que se interpõe entre as duas variedades do português, fazendo com que tanto o seu ensino, como a sua aprendizagem, se produzam de forma extremamente diferente.

Se o português europeu é caracterizado por um alto nível de formalidade¹⁴, o português brasileiro destaca-se, pelo contrário, pela persistência, em todas as suas camadas, de um coloquialismo que não se mostra, afinal, menos problemático no processo de aprendizagem, mas sim, pelo contrário, dificulta-o ainda mais. O mesmo problema acontece com o ensino, que deve ser inteiramente repensado. Na Romênia, país centrado num ensino predominantemente formal, este desafio é ainda maior. Felizmente, as ferramentas multimédia possibilitam, hoje em dia, a otimização dos métodos de ensino e o acesso a materiais e instrumentos capazes de exemplificar o uso informal da língua.

No português brasileiro, a distância que se estabelece entre a linguagem coloquial e culta é visivelmente inferior à que se pode observar no caso do

¹³ Veronica Manole, “Dificuldades dos falantes romenos na aprendizagem das formas de tratamento do português europeu”, *Studia UBB Philologia*, LXII (4), pp. 117-128, p. 125.

¹⁴ Visível, por exemplo, nas formas de tratamento, na existência de uma só opção correta no caso do artigo definido empregado com nomes próprios ou pronomes possessivos ou, em suma, no facto de, em Portugal, a linguagem informal ser considerada inaceitável pela norma, usando-se apenas nos círculos muito próximos, enquanto no Brasil a linguagem coloquial, embora sem regras, é considerada uma alternativa da norma culta e não um deslize da mesma.

português europeu. Além disso, os estudantes que se inscrevem no Centro Cultural Brasileiro não têm geralmente como objetivo o uso formal da língua, na área do trabalho ou da educação, mas sim uma aprendizagem que lhes permita comunicar, de modo fácil e natural, com pessoas do Brasil ou simplesmente desfrutar do exotismo que a cultura brasileira transporta. Muitas vezes são as telenovelas brasileiras ou a música os elementos que despertam o interesse pela língua e que criam certas expectativas em relação à sua dinâmica oral. Por isso, mostra-se difícil, desde o início, encontrar um equilíbrio entre as estruturas formais, empregadas na maioria dos manuais¹⁵ e que favorecem a aprendizagem teoricamente correta da língua, e a linguagem oral, que desestrutura todo este edifício formal. É muito comum observar, na fala dos brasileiros, o uso da preposição “em” em vez de “a” (embora incorreto de ponto de vista gramatical: “chegou na casa do João”, “vou no supermercado”), de “para” em vez de “a” (“vou para o cinema”) ou a falta total da preposição (“assisti um filme” em vez de “assisti a um filme”), as contrações como “cê tá” (você está), “pra” (para a), “pera aí” (espera aí), “brigado” (obrigado), o uso de “a gente”, com o verbo na terceira pessoa do singular, em vez de “nós”, o uso de “é” em vez de “sim”, de saudações como “tudo jóia?”, “e aí, galera, tudo beleza?”, “valeu” (obrigado) e toda uma série de expressões que se impõem como marcas obrigatórias da oralidade e que, na nossa opinião, deveriam ser apresentadas, mesmo se apenas de forma breve, nos livros de português língua não materna para facilitar, desta forma, a comunicação dos alunos com os falantes nativos.

Além disso, sabemos que o uso extremamente correto da língua, despido de qualquer marca oral, traria consigo, para o turista que desejaria visitar o Brasil, vários problemas. No melhor dos casos, a sua fala e as suas mensagens seriam percebidos como “spam”¹⁶. Por isso, além da questão da pronúncia padrão¹⁷, além da pluralidade das normas (como no caso do uso opcional de algumas componentes gramaticais como o artigo definido antes de pronomes possessivos e nomes próprios), que gera, muitas vezes, confusão (é difícil compreender possibilidade da existência simultânea de duas variantes corretas, que são usadas de modo aleatório), do emprego, igualmente problemático, dos pronomes oblíquos átonos¹⁸,

¹⁵ Todos os manuais que utilizei no Centro Brasileiro – considerados, aliás, a ser alguns dos melhores que se encontram no mercado – como *Muito Prazer, Bem-Vindo!* ou *Falar... Ler... Escrever... Português* (o último destes três livros situando-se, porém, mais próximo da linguagem oral e introduzindo também importantes aspetos culturais), apostam nos aspetos formais da língua, ignorando completamente ou não valorizando suficientemente a linguagem coloquial.

¹⁶ Aconteceu-me isto quando, depois de alguém não me ter respondido a um e-mail e eu ter insistido, enviando uma segunda mensagem, a pessoa explicou-me que a minha escrita extremamente correta e demasiadamente formal a levou a pensar que fosse uma mensagem de “spam”.

¹⁷ Que também se reflete na falta de transcrições fonéticas nos manuais de português língua não materna e que leva, às vezes, a uma pronúncia diferente nos CDs que acompanham os livros e que deixam os alunos confusos.

¹⁸ Se, no português europeu, as regras são muito claras, no português brasileiro elas não são muito bem definidas e os estudantes acabam às vezes por não entender quando os pronomes se devem colocar em frente do verbo, quando vêm depois e quando se usa a mesóclise, dado que a separação, no português brasileiro, tem a ver mais com o registo, formal ou informal, do que com certas regras gramaticais bem definidas – ou seja, o uso de alguns advérbios, por exemplo, não é o único critério

ou do uso do pronome “te”, dado que o uso da forma verbal da segunda pessoa é pouco comum no Brasil, o que levanta mais dificuldades é a existência de um registo oral que domina, de facto, o registo escrito, formal.

Os fatores culturais, que em Portugal exigem o emprego de elementos linguísticos formais –elementos que também são válidos na linguagem oral (embora ela tenha, tanto como no Brasil, as suas especificidades) – obrigam, no caso do Brasil, ao uso predominantemente informal da língua, onde as formas escritas não se inserem com o mesmo vigor. O não conhecimento da linguagem coloquial tem, no caso do português brasileiro, consequências consideráveis. Um turista que falaria de modo extremamente formal seria facilmente identificado, o que levaria à sua marginalização, ridiculização ou mesmo a acontecimentos mais graves, como roubos. Além disso, a linguagem usada nas telenovelas ou nas bandas desenhadas (histórias em quadrinhos, no Brasil) torna-se inacessível ao estudante não familiarizado com a sua estrutura, o seu vocabulário e toda a sua dinâmica¹⁹. Estabelece-se porém, no Brasil, uma relação mais profunda e fecunda entre a sociedade e a língua, que faz com que o valor normativo da língua seja estabelecido com grande dificuldade. Assim, é difícil entender se o ideal linguístico é aquele que se situa mais próximo da norma culta ou da sociedade e como deveriam posicionar-se os estudantes e os professores em relação a este ideal. Deveria, na nossa opinião, encontrar-se um equilíbrio entre o português padrão que, em nome da unidade nacional e linguística deve ser respeitado, e as inúmeras variedades do português falado, com a sua dinâmica, e que reflete as necessidades de uma comunidade sempre em mudança. Só através destas variedades a língua continua viva.

Mas a conceição da língua como organismo variável traz consigo alguns problemas, entre os quais destacamos a questão do ensino, que deve assim assimilar e favorecer tanto o uso correto da língua, do português padrão, como o conhecimento das suas inúmeras particularidades orais, que oferecem ao estudante um acesso direto e, de uma certa forma, mais natural, à cultura que deseja conhecer. Cabe assim ao professor de português brasileiro a missão de encontrar este equilíbrio, ou seja, “acolher e valorizar as várias possibilidades de uso da

que nos obriga a antepor o pronome. A contração do pronome complemento direto com o pronome complemento indireto ou o uso da mesóclise podem parecer às vezes muito esquisitas ao estudante do português brasileiro, que não os observa, muitas vezes, na fala ou na escrita dos brasileiros, ou mesmo nas pessoas nativas, tendo nós já conhecido pessoas do Brasil que nunca tinham ouvido estruturas como “deu-mo” ou como “dar-lhe-ei”.

¹⁹ Acontece que os alunos, não se atrevendo a ler livros muito extensos em português, preferem geralmente emprestar livros para crianças. Infelizmente, já assisti muitas vezes a situações em que, emprestando, por exemplo, as famosas bandas desenhadas com Pateta, Chico Bento, Zé Carioca ou Cascão, eles não conseguiram entender nem o que estava escrito na capa (apresentações incitantes dos livros como, por exemplo “8 histórias pra você curtir numa boa!” – na capa de *Zé Carioca*, n.º 15, São Paulo, Editora Abril Jovem S.A., fevereiro de 1993 – ou “9 histórias incríveis pra você rir a valer!” – na capa de *Pateta*, n.º 127, São Paulo, Editora Abril Ltda., janeiro de 1982) ou, por causa de palavras e expressões como “baita”, “que nada”, “puxa!”, “sumir”, “cara”, “navalha” e muitas outras cujo sentido desconheciam, não podiam nem entender completamente o texto, nem penetrar o sentido de humor nele apresentado.

língua, sejam do português não padrão [...] sejam do português padrão”²⁰e, ao mesmo tempo “ter como objetivo dominar e aprimorar os recursos do português padrão, pois é ele que organiza o Estado brasileiro, a vida profissional e nos permite ser cidadãos que reivindicam seus direitos”²¹. Por outras palavras, o professor deve satisfazer tanto a necessidade de comunicação, como a de expressão. Mas como fazê-lo?

Nós consideramos que se deveria partir sempre do português padrão para se desenvolverem as suas variantes coloquiais e não pelo contrário, dado que a norma, sendo mais coercitiva, é sempre mais técnica, rígida e repetitiva, ao contrário da linguagem coloquial que é, geralmente, representada por um grande e colorido leque de possibilidades, o que pode deixar os alunos confusos e sem pontos de referência. Assim, depois de explicar os mecanismos gramaticais ou de apresentar os aspetos lexicais, os mesmos podem ser evidenciados através de textos de cariz formal (textos literários, notícias de jornais, noticiários, documentários), para que sejam depois desenvolvidos através de meios que exemplificam o uso oral da língua, como anúncios publicitários, bandas desenhadas, séries ou programas de televisão. Podem ser empregados também, nas aulas, livros como *Os Destinos de Gabriel*, publicado pela Lidel, que, através de histórias divertidas e cativantes, de curta dimensão e sempre acompanhadas por propostas didáticas, conseguem introduzir não apenas importantes aspetos culturais²², como também palavras e expressões do registo informal²³. Só assim poderia obter-se, na nossa opinião, uma configuração completa da língua, que obedeça à norma, que é o seu esqueleto, sem abandonar e desprezar, porém, a fala, que é o seu coração.

Os obstáculos à aprendizagem correta da língua são, portanto, numerosos. Se, na primeira parte do trabalho, observámos as dificuldades decorrentes da língua materna dos alunos romenos, que são extremamente variadas e que podem ser ultrapassadas, como já vimos, através de soluções específicas e diversas, na segunda parte assistimos a um outro tipo de desafio, lançado especialmente aos professores de português, o de conciliar a norma culta com a linguagem oral, linguagem que, como mostrámos, desempenha um papel extremamente importante ao nível da expressão e da integração cultural. Neste segundo caso o processo é mais complexo e vagaroso e requer um esforço notável por parte dos professores, especialmente dos professores romenos, formados num sistema educacional que tem pouca tradição na área do ensino informal. Porém,

²⁰ Lorenzo Vitral, *Gramática Inteligente do Português do Brasil*, São Paulo, Editora Contexto, 2017, p. 50.

²¹ *Ibid.*

²² A ação de cada capítulo passa-se numa parte diferente do país, sendo assim apresentados aspetos culturais de várias regiões.

²³ Como, por exemplo, “ué!”, “droga”, “afé”, “abestado”, “tribufu” e outras palavras e expressões que se encontram tarduzidas para inglês na parte inferior de cada página.

hoje em dia beneficiamos da ajuda das ferramentas multimídia, através das quais a linguagem coloquial pode ser abundantemente exemplificada e praticada²⁴.

Longe de querer tratar exaustivamente esta temática, objetivo que seria impossível de alcançar nas páginas de um estudo de tão pequena dimensão, o nosso trabalho pretendeu não esgotar, mas sim apenas mencionar algumas das dificuldades com as quais se deparam os alunos e professores romenos no processo de aprendizagem do português brasileiro, identificar as suas causas e contornar algumas estratégias. Esperamos que tenhamos conseguido, pelo menos, alcançar alguns destes objetivos.

Referências bibliográficas

- ASAN, Finuța, Mioara AVRAM, Elena CARABULEA et. al., *Gramatica Limbii Române*, Vol. I, București, Editura Academiei Republicii Socialiste România, 1966.
- CUNHA, Celso&Lindley CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Sá da Costa, 2002.
- FÉVRIER, Laura, „Câteva dificultăți ale studenților români în învățarea limbii portugheze”, in Yolanda Mirela Catelly (ed.), *Limbă, cultură și civilizație. Noi căi spre succes*, vol. 1, București, Ed. Politehnica Press, pp. 275-281.
- MANOLE, Veronica, “Dificuldades dos falantes romenos na aprendizagem das formas de tratamento do português europeu”, *Studia UBB Philologia*, LXII (4), 2017, pp. 117-128.
- Pateta*, n.º 127, São Paulo, Editora Abril Ltda., janeiro de 1982.
- POPESCU, Ștefania, *Gramatică Practică a Limbii Române*, București, Editura Orizonturi, 1995.
- RIBEIRO, Patrícia Alexandra, *Ensino-aprendizagem de Português na Romênia – uma experiência no nível A1* (Dissertação de mestrado), Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2019.
- VITRAL, Lorenzo, *Gramática Inteligente do Português do Brasil*, São Paulo, Editora Contexto, 2017.
- Zé Carioca*, n.º 15, São Paulo, Editora Abril Jovem S.A., fevereiro de 1993.

²⁴ Ferramentas como Youglish, por exemplo, que funciona com um banco de dados do Youtube e onde se podem encontrar exemplificações de qualquer palavra ou expressão em segundos, constituem auxílios importantes no ensino do português coloquial.